

A Gênese



Outras obras do autor
editadas pelo CELD.

- *O Que é o Espiritismo*
- *O Livro dos Espíritos*
- *O Céu e o Inferno*
- *A Passagem* (Opúsculo)
- *Temor da Morte, o Céu* (Opúsculo)
- *Obras Póstumas*
- *O Evangelho Segundo o Espiritismo*
- *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (Livro de bolso)
- *A Prece Segundo o Espiritismo*
- *Da Comunhão do Pensamento* (Opúsculo)
- *Livro dos Médiuns*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

K27g Kardec, Allan. 1804-1869.

A Gênese. Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo / por Allan Kardec; [Tradução: Albertina Escudeiro Sêco; revisão técnica, atualização de termos técnico-científicos e ampliação com ilustrações: Cláudio Lirange Zanatta. — 3. ed. — Rio de Janeiro: CELD, 2010.

488p.; il.; color; 21cm.

ISBN 978-85-7297-493-6

Tradução de: *La Genèse. Les Miracles et Les Prédications Selon le Spiritisme* (Quatrième Édition, 1868.)

1. Espiritismo. 2. Religião. 3. Cosmogonia.
 4. Astronomia. 5. Geologia.
- I. Título.

99-0482

CDD 133.9

CDU 133.7

A Gênese

Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo

Por

Allan Kardec

Autor de *O Livro dos Espíritos*

A Doutrina Espírita é o resultado do ensino coletivo e concordante dos espíritos.

A Ciência é chamada a constituir a Gênese segundo as leis da Natureza.

Deus prova sua grandeza e seu poder pela imutabilidade de suas leis, e não pela sua suspensão.

Para Deus, o passado e o futuro são o presente.

Tradução de Albertina Escudeiro Sêco

3ª Edição

CELD

Rio de Janeiro, 2010

A GÊNESE.
Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo

ALLAN KARDEC

Do original francês: *LA GENÈSE.*
Les Miracles et Les Prédications Selon le Spiritisme
(Quatrième Édition, 1868.)

Até a 2ª Edição:
13.000 exemplares.

3ª Edição: outubro de 2010;
4ª tiragem, do 14º ao 24º milheiro.

L1500499

Tradução e revisão de originais:
Albertina Escudeiro Sêco

*Revisão técnica; atualização de conhecimentos
em geral e de termos técnico-científicos;
ampliação com ilustrações e legendas:*
Cláudio Lirange Zanatta

Composição
Luiz P. de Almeida Jr. e Márcio P. de Almeida

Revisão:
Elizabeth Paiva

Diagramação:
Roberto Ratti

Capa:
Rogério Mota

Para pedidos de livros, dirija-se ao
Centro Espírita Léon Denis
(Distribuidora)

Rua João Vicente, 1.445, Bento Ribeiro,
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21331-290

Telefax (21) 2452-7700

E-mail: grafica@leondenis.com.br

Site: leondenis.com.br

Centro Espírita Léon Denis
Rua Abílio dos Santos, 137, Bento Ribeiro,
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21331-290
CNPJ 27.291.931/0001-89

IE 82.209.980

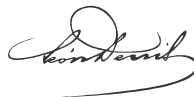
Tel. (21) 2452-1846

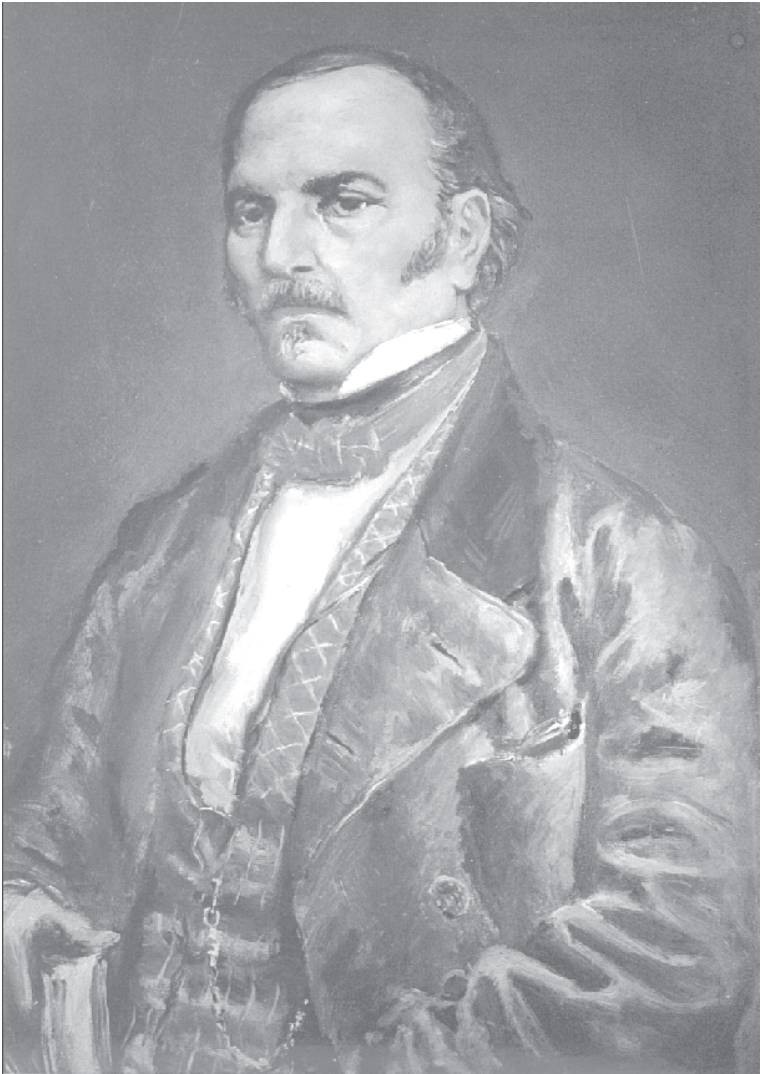
E-mail: editora@celd.org.br

Site: www.celd.org.br

Remessa via Correios e transportadora.

Todo produto desta edição é destinado à manutenção das
obras sociais do Centro Espírita Léon Denis.





Allan Kardec
1804-1869

LA GENÈSE

LES MIRACLES ET LES PRÉDICTIONS

SELON LE SPIRITISME

PAR

ALLAN KARDEC

Auteur du *Livre des Esprits*

La doctrine spirite est la résultante de l'enseignement collectif et concordant des Esprits.

La science est appelée à constituer la Genèse selon les lois de la nature.

Dieu prouve sa grandeur et sa puissance par l'immuabilité de ses lois, et non par leur suspension.

Pour Dieu, le passé et l'avenir sont le présent.

QUATRIÈME ÉDITION

PARIS

LIBRAIRIE INTERNATIONALE

15, BOULEVARD MONTMARTRE

A. LACROIX, VERBOECKHOVEN ET C^e, ÉDITEURS

A BRUXELLES, A LEIPZIG ET A LIVOURNE

Et au bureau de la REVUE SPIRITE, 59, rue et passage Ste-Anne

1868

Réserve de tous droits.

A GÊNESE

OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES

SEGUNDO O ESPIRITISMO

POR

ALLAN KARDEC

Autor do Livro dos Espíritos

A Doutrina Espírita é o resultado do ensino coletivo e concordante dos Espíritos.

A Ciência é chamada a constituir a Gênese segundo as leis da natureza.

Deus prova sua grandeza e seu poder pela imutabilidade das suas leis, e não pela sua suspensão.

Para Deus, o passado e o futuro são o presente.

4ª EDIÇÃO

PARIS

LIVRARIA INTERNACIONAL

BOULEVARD MONTMARTRE, 15

A. LACROIX, VERBOECKHOVEN E CIA., EDITORES

EM BRUXELAS, EM LEIPZIG E EM LIVOURNE

e no escritório da REVISTA ESPÍRITA, Rua e Passagem Sant' Ana, 59.

1868

Reserva de todos os direitos

SUMÁRIO

Introdução	17
A GÊNESE SEGUNDO O ESPIRITISMO	
CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS DA REVELAÇÃO ESPÍRITA	23
CAPÍTULO II – DEUS	63
Existência de Deus	63
Da natureza divina	66
A providência	71
A visão de Deus	77
CAPÍTULO III – O BEM E O MAL	81
Origem do bem e do mal	81
O instinto e a inteligência	87
Destruição dos seres vivos uns pelos outros	93
CAPÍTULO IV – O PAPEL DA CIÊNCIA NA GÊNESE	97
CAPÍTULO V – ANTIGOS E MODERNOS SISTEMAS DO MUNDO .	107
CAPÍTULO VI – ASTRONOMIA GERAL	117
O espaço e o tempo	117
A matéria	121
As leis e as forças	124
A criação primária	127
A criação universal	130
Os sóis e os planetas	132
Os satélites	134

Os cometas	137
A Via Láctea	140
As estrelas fixas	142
Os desertos do espaço	146
Eterna sucessão dos mundos	147
A vida universal	150
A Ciência	151
Considerações morais	153
CAPÍTULO VII – ESBOÇO GEOLÓGICO DA TERRA	157
Períodos Geológicos	157
Estado primitivo do globo	165
Período Primário	169
Período de Transição	170
Período Secundário	174
Período Terciário	178
Período Diluviano	183
Período Pós-Diluviano ou Atual.	
Nascimento do homem	186
CAPÍTULO VIII – TEORIAS SOBRE A TERRA	189
Teoria da projeção	189
Teoria da condensação	193
Teoria da incrustação	194
CAPÍTULO IX – REVOLUÇÕES DO GLOBO	199
Revoluções gerais ou parciais	199
Dilúvio bíblico	200
Revoluções periódicas	202
Cataclismos futuros	207
CAPÍTULO X – GÊNESE ORGÂNICA	211
Formação primária dos seres vivos	211

Princípio vital	221
Geração espontânea	224
Escala dos seres orgânicos	227
O homem	228
CAPÍTULO XI – GÊNESE ESPIRITUAL	231
Princípio espiritual	231
União do princípio espiritual e da matéria	235
Hipótese sobre a origem do corpo humano	237
Encarnação dos espíritos	238
Reencarnação	246
Emigrações e imigrações dos espíritos	247
Raça adâmica	249
Doutrina dos anjos decaídos	252
CAPÍTULO XII – GÊNESE MOSAICA	259
Os seis dias	259
O paraíso perdido	270

OS MILAGRES SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XIII – CARACTERÍSTICAS DOS MILAGRES	283
CAPÍTULO XIV – Os FLUIDOS	297
Natureza e propriedade dos fluidos	297
Explicação de alguns fatos considerados sobrenaturais	311
CAPÍTULO XV – Os MILAGRES DO EVANGELHO	331
Observações preliminares	331
Sonhos	333
Estrela dos magos	334
Dupla vista	334
Entrada de Jesus em Jerusalém	334
Beijo de Judas	335

Pesca milagrosa	335
Vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus	336
Curas	337
Perda de sangue	337
O cego de Betsaida	339
O paralítico	339
Os dez leprosos	340
A mão seca	341
A mulher curvada	342
O paralítico da piscina	343
O cego de nascença	345
Numerosas curas de Jesus	348
Possessos	350
Ressurreições	354
A filha de Jairo	354
O filho da viúva de Naim	355
Jesus caminha sobre a água	357
Transfiguração	358
Tempestade aplacada	359
Bodas de Caná	360
Multiplicação dos pães	361
O fermento dos fariseus	362
O pão do céu	362
Tentação de Jesus	365
Prodígios por ocasião da morte de Jesus	366
Aparição de Jesus após a sua morte	368
Desaparecimento do corpo de Jesus	374

AS PREDIÇÕES SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XVI – TEORIA DA PRESCIÊNCIA	381
CAPÍTULO XVII – PREDIÇÕES DO EVANGELHO	393
Ninguém é profeta em sua terra	393
Morte e paixão de Jesus	396
Perseguição aos apóstolos	397
Cidades impenitentes	398
Ruína do Templo e de Jerusalém	398
Maldição aos fariseus	400
Minhas palavras não passarão	402
A pedra angular	403
Parábola dos vinhateiros homicidas	404
Um só rebanho e um só pastor	406
Advento de Elias	409
Anunciação do Consolador	409
Segundo advento do Cristo	413
Sinais precursores	415
Vossos filhos e vossas filhas profetizarão	419
Juízo final	420
CAPÍTULO XVIII – OS TEMPOS SÃO CHEGADOS	425
Sinais dos tempos	425
A nova geração	440
ANEXO	447
NOTA EXPLICATIVA	479

Introdução

Esta nova obra é mais um passo adiante nas consequências e aplicações do Espiritismo. Como seu título indica, ela tem por objetivo o estudo de três pontos diferentemente interpretados e comentados até o presente: *a Gênese, os milagres e as predições*, nas suas relações com as novas leis que emanam da observação dos fenômenos espíritas.

Dois elementos ou, se quiserem, duas forças regem o Universo: o elemento espiritual e o elemento material. Da ação simultânea desses dois princípios nascem os fenômenos especiais que são naturalmente inexplicáveis, se não considerarmos um dos dois, exatamente como a formação da água seria inexplicável se deixássemos de levar em conta um de seus dois elementos constituintes: o oxigênio e o hidrogênio.

O Espiritismo, demonstrando a existência do mundo espiritual e suas relações com o mundo material, dá a solução de uma infinidade de fenômenos incompreendidos e considerados, por isso mesmo, como inadmissíveis por uma certa classe de pensadores. Esses fatos existem em grande quantidade nas *Escrituras*, e é pelo desconhecimento da lei que os rege que os comentadores dos dois campos opostos, girando incessantemente no mesmo círculo de ideias, uns desconsiderando os dados positivos da Ciência,

A Gênese

outros, os do princípio espiritual, não puderam chegar a uma solução racional.

Essa solução está na ação recíproca do espírito e da matéria. Ela retira, é verdade, da maioria desses fatos, a característica sobrenatural; porém, o que vale mais: admiti-los como resultantes das leis da Natureza ou rejeitá-los completamente? Sua rejeição absoluta leva consigo a própria base da instituição, enquanto que a sua admissão nesse título, não suprimindo mais que os acessórios, deixa essa base intacta. Eis por que o Espiritismo conduz tantas pessoas para a crença de verdades que, até pouco tempo atrás, consideravam como utopias.

Portanto, esta obra é, como dissemos, um complemento das aplicações do Espiritismo, sob um ponto de vista especial. Sua documentação estava pronta, ou pelo menos elaborada, há muito tempo, mas o momento de publicá-la ainda não havia chegado. Era preciso, inicialmente, que as ideias que deviam constituir a sua base chegassem à maturidade, e, além disso, levar em consideração a oportunidade das circunstâncias. O Espiritismo não tem nem mistérios nem teorias secretas; nele tudo deve ser dito às claras, a fim de que cada um possa julgá-lo com conhecimento de causa, mas cada coisa deve vir a seu tempo, para vir seguramente. Uma solução dada precipitadamente, antes da elucidação completa da questão, seria uma causa mais de atraso que de adiantamento. A importância da causa, na questão que aqui se trata, nos impunha o dever de evitar toda precipitação.

Pareceu-nos necessário, antes de entrar no assunto, definir claramente o papel respectivo dos espíritos e dos homens na edificação da nossa Doutrina. Essas considerações preliminares, que afastam dela toda ideia de misticismo, constituem o objetivo do primeiro capítulo, intitulado *Fundamentos da Revelação Espírita*; pedimos uma atenção rigorosa para esse ponto, porque é aí que se encontra, de algum modo, o nó da questão.

Não obstante a parte que toca à atividade humana na elaboração dessa Doutrina, a sua iniciativa pertence aos espíritos, ela, porém, não é formada da opinião pessoal de cada um deles;

ela não é, e nem pode ser, mais que o *resultado do seu ensino coletivo e concordante*. Somente nessa condição, ela pode se dizer a Doutrina dos Espíritos, de outra forma seria apenas a doutrina de *um espírito*, e só teria o valor de uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância no ensino, tal é a característica essencial da Doutrina, a própria condição de sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle e da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma Doutrina, mas como uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

É essa coletividade concordante da opinião dos espíritos, passada, além disso, pelo critério da lógica, que faz a força da Doutrina Espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, seria preciso que a universalidade dos espíritos mudasse de opinião, e que viessem um dia dizer o contrário do que disseram. Visto que a Doutrina tem a sua fonte no ensino dos espíritos, para que ela desaparecesse, seria necessário que os espíritos deixassem de existir. É isso também que a fará sempre prevalecer sobre as teorias pessoais que não têm, conforme ela, suas raízes em toda a parte.

O Livro dos Espíritos só viu seu crédito se consolidar porque é a expressão de um pensamento coletivo, geral. No mês de abril de 1867, viu-se completar seu primeiro decênio; nesse intervalo, os princípios fundamentais dos quais se formaram suas bases foram sucessivamente acabados e desenvolvidos, em consequência do ensino progressivo dos espíritos, mas nenhum recebeu um desmentido da experiência, todos, sem exceção, ficaram de pé, mais fortes do que nunca, enquanto que, de todas as ideias contraditórias que tentaram lhe opor, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, de todas as partes, o contrário era ensinado. Este é um resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, visto que dele nunca nos atribuímos o mérito.

Os mesmos escrúpulos presidiram a redação das nossas outras obras, nós pudemos, verdadeiramente, denominá-las

A Gênese

segundo o Espiritismo, porque estávamos certos da sua conformidade com o ensino geral dos espíritos. O mesmo ocorre com esta, que podemos, por razões idênticas, dar como complemento das precedentes, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais, e que devem ser consideradas como opiniões pessoais, até que tenham sido confirmadas ou contestadas, a fim de não fazer pesar a responsabilidade delas sobre a Doutrina.

Não obstante, os leitores assíduos da *Revista** puderam ali observar, na forma de esboço, a maioria das ideias que estão desenvolvidas nesta última obra, como fizemos com as precedentes. A *Revista* é, frequentemente, para nós, um campo de experiência destinado a sondar a opinião dos homens e dos espíritos sobre certos princípios, antes de admiti-los como partes constituintes da Doutrina.

Allan Kardec



* Allan Kardec refere-se à *Revista Espírita* — *Revue Spirite, Journal d'Études Psychologiques* — cujo primeiro número foi publicado em 1 de janeiro de 1858. (N.T.)

**A GÊNESE SEGUNDO
O ESPIRITISMO**

Capítulo I

Fundamentos da Revelação Espírita¹

1. Podemos considerar o Espiritismo como uma revelação? Nesse caso, qual seria o seu caráter? Em que se baseia a sua autenticidade? A quem e de que maneira ela foi feita? A Doutrina Espírita é uma revelação, no sentido litúrgico da palavra, quer dizer, ela é, em todos os pontos, o resultado de um ensino oculto vindo do Alto? É absoluta ou passível de modificações? Trazendo aos homens toda a verdade, a revelação não teria o efeito de impedi-los do uso das suas faculdades, uma vez que lhes pouparia o trabalho da pesquisa? Qual pode ser a autoridade do ensino dos espíritos, se eles não são infalíveis e superiores à humanidade? Qual é a utilidade da moral que pregam, se essa moral não é outra senão a do Cristo, que já se conhece? Quais são as novas

¹ O autor nomeou este capítulo como Caracteres da Revelação Espírita. Uma vez que o vocábulo Caracteres assume aqui o significado de “características que fundamentam,” que pode ser resumido, sem perda do significado original, como FUNDAMENTOS, optamos, na presente edição, por esse último, por emprestar, nos dias de hoje, maior clareza em relação ao assunto que será tratado. (Nota do Revisor **Cláudio Lirange Zanatta**; as próximas notas, de sua autoria, conterão apenas as iniciais **N.R.**)

Capítulo I

verdades que eles nos trazem? O homem tem necessidade de uma revelação e não pode encontrar em si mesmo e em sua consciência tudo o que é indispensável para conduzir-se na vida? Essas são as questões sobre as quais devemos nos deter.

2. Vamos definir inicialmente o sentido da palavra *revelação*.

Revelar:* cuja raiz é *velum*, véu, significa literalmente “levantar o véu” e, figuradamente, descobrir, tornar conhecida alguma coisa secreta ou desconhecida. Essa palavra é normalmente empregada em relação a qualquer coisa ignorada que é divulgada, a qualquer ideia nova que nos põe a par do que não sabíamos.

Desse ponto de vista, todas as ciências que nos permitem conhecer as leis da Natureza são *revelações*, podendo-se assim dizer que há, para nós, uma revelação incessante. A Astronomia revelou o mundo astral, que não conhecíamos; a Geologia, a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, as funções do organismo, etc. Copérnico,² Galileu,³ Newton,⁴ Laplace⁵ e Lavoisier,⁶ entre outros, foram *reveladores*.

* Do latim *revelare*.

² **Copérnico, Nicolau:** astrônomo polonês (Torun, 1473 - Frauenburg, 1543). Demonstrou os dois movimentos dos planetas (sobre si mesmos e em torno do Sol) e publicou, pouco antes de falecer, seu célebre trabalho *Das Revoluções dos Mundos Celestes*. (Nota da Tradutora, segundo o *Dicionário Koogan Larousse*; suas notas seguintes conterão apenas as iniciais **N.T.**)

³ **Galileu Galilei:** matemático, físico e astrônomo italiano (Pisa, 1564 - Arcetri, 1642). Foram inúmeras as suas descobertas e invenções, entre elas o termômetro, a balança hidrostática, o microscópio e, em 1609, a luneta que traz o seu nome por meio da qual descobriu as oscilações aparentes da Lua. Suas observações levaram-no a adotar o sistema proposto por Copérnico e proclamar que o centro do mundo planetário era o Sol e não a Terra, e que a Terra girava em torno do Sol assim como os outros planetas que refletem a luz solar. Por esta afirmativa recebeu a repreensão e a repulsa da Cúria romana, que, para atingi-lo, considerou o sistema de Copérnico como herético, intimando Galileu a abandoná-lo. Aparentemente, ele se submeteu; mas, de volta a Florença, reuniu em um livro (1632) todas as provas da verdade do sistema. Essa bela obra foi denunciada à Inquisição, e Galileu, então com mais de 70 anos, para escapar à fogueira, teve de abjurar, de joelhos, perante aquele tribunal, a sua pretendida heresia (1633). Depois de escapar da fogueira, foi conservado num semicativeiro, ficando sempre sob severa vigilância da Inquisição, morrendo cego. (**N.T.**, segundo o *Dicionário Lello Universal*, volume II.)

⁴ **Newton, Isaac:** matemático, físico, astrônomo e filósofo inglês (Lincolnshire, 1642 - Kensington, 1727). Descobriu em 1687 as leis da atração universal. Ao observar a queda de uma

3. O caráter essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade. Revelar um segredo é tornar conhecido um fato; se é falso, já não é um fato e, conseqüentemente, não existe revelação. Toda revelação desmentida por fatos, não é revelação; se ela for atribuída a Deus, não podendo Deus mentir, nem se enganar, ela não pode emanar dele, é preciso considerá-la como o resultado de uma concepção humana.

4. Qual o papel do professor diante dos seus alunos, senão o de um revelador? O professor ensina o que eles não sabem, o que não teriam tempo nem possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a Ciência é obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que trazem, cada um, a sua cota de observações da qual se aproveitam os que vêm depois deles. O ensino é, portanto, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feita por homens que as conhecem a outros que as ignoram, e que, sem isso, as teriam ignorado sempre.

5. O professor, porém, ensina apenas o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; o gênio ensina o que descobriu por si mesmo: é o revelador primitivo. Traz a luz que, pouco a pouco, se propaga. Que seria da humanidade sem a revelação dos gênios que aparecem de tempos em tempos?

Mas quem são esses gênios? Por que são gênios? De onde eles vêm? O que é feito deles? Observemos que, na sua maioria, trazem, ao nascer, faculdades transcendentais e conhecimentos

maçã, Newton foi obrigado a refletir nessa força singular que atrai os corpos para o centro da Terra, e perguntou a si mesmo se uma força da mesma natureza não poderia explicar o fato de a Lua se manter na órbita da Terra. Estendeu esse raciocínio aos planetas do sistema solar e, assim, de dedução em dedução, chegou à concepção da grande teoria, que os seus cálculos permitiram confirmar rigorosamente. (N.T., segundo o *Dicionário Lello Universal*, vol. III.)

⁵ **Laplace, Pierre-Simon:** astrônomo, matemático e físico francês (Beaumont-en-Auge, 1749 - Paris, 1827). Célebre pela criação do sistema cosmogônico, fez numerosos trabalhos sobre o movimento dos planetas no sistema solar, movimento das marés, etc. (N.T., segundo o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

⁶ **Lavoisier, Antoine-Laurent de:** químico francês (Paris, 1743 - id., 1794), um dos criadores da Química moderna. A ele se devem a nomenclatura química, o conhecimento da composição do ar, a descoberta do papel do oxigênio. Na Física efetuou as primeiras medições calorimétricas. Fez parte da comissão encarregada de estabelecer o sistema métrico. Lavoisier morreu guilhotinado. (N.T., segundo o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

Capítulo I

inatos, que desenvolvem com pouco esforço. Pertencem realmente à humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. Portanto, onde adquiriram esses conhecimentos que não puderam aprender durante a vida? Pode-se dizer, como os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Pode-se dizer, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida que a do comum dos homens? Esta suposição é igualmente ilógica, uma vez que acusaria Deus de parcialidade. A única solução racional desse problema está na preexistência da alma e na pluralidade das existências. O gênio é um espírito que viveu mais tempo e que, por conseguinte, adquiriu maiores conhecimentos e progrediu mais do que os que estão menos adiantados. Encarnando, traz o que sabe, e como sabe muito mais do que os outros, sem ter necessidade de aprender, é chamado de gênio. Mas o seu saber é o fruto de um trabalho anterior e não o resultado de um privilégio. Antes de renascer, portanto, era um espírito adiantado; ele reencarna, seja para fazer com que os outros aproveitem o que sabe, seja para alcançar mais conhecimentos.

Os homens, sem sombra de dúvida, progridem por si mesmos e pelos esforços da sua inteligência; mas, entregues às suas próprias forças, esse progresso é muito lento, se não forem auxiliados por outros mais adiantados, como o estudante o é por seus professores. Todos os povos tiveram seus homens geniais, que surgiram em diversas épocas, para dar-lhes impulso e tirá-los da inércia.

6. Desde que se admite a solicitude de Deus com as suas criaturas, por que não se admitiria que espíritos capazes, por sua energia e superioridade de seus conhecimentos, de fazerem a humanidade avançar, encarnem pela vontade de Deus, com o fim de estimularem o progresso em um determinado sentido? Por que não se admitiria que eles recebam uma missão, como a que um embaixador recebe do seu governante? Este é o papel dos grandes

gênios. O que eles vêm fazer, senão ensinar aos homens as verdades que esses ignoram — e ainda ignorariam por muito tempo — a fim de lhes dar um ponto de apoio com a ajuda do qual eles poderão elevar-se mais rapidamente? Esses homens geniais, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando longo rastro luminoso sobre a humanidade, são missionários, ou, se quiserem, messias. Se eles não ensinassem aos homens nada além do que estes sabem, sua presença seria completamente inútil; as coisas novas que eles lhes ensinam, seja na esfera física, seja na filosófica, são *revelações*.

Se Deus permite a vinda de reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, fazer com que apareçam para as verdades morais, que constituem elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas ideias atravessaram os séculos.

7. No sentido específico da fé religiosa, diz-se revelação, mais particularmente, das coisas espirituais que o homem não pode saber por ele mesmo, que não pode descobrir por intermédio de seus sentidos, e cujo conhecimento é dado por Deus ou pelos seus mensageiros, através da palavra direta, ou pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens privilegiados, designados sob o nome de *profetas* ou *messias*, isto é, *enviados*, *missionários*, tendo a *missão* de transmiti-la aos homens. Considerada sob este ponto de vista, a revelação pressupõe a passividade absoluta; aceita-se sem verificação, sem exame e sem discussão.

8. Todas as religiões tiveram seus reveladores que, embora estivessem longe de conhecer toda a verdade, tinham sua razão de ser providencial, porque estavam adequados ao tempo e ao meio em que viviam, às peculiaridades dos povos aos quais falavam e aos quais eram relativamente superiores.

Apesar dos erros das suas doutrinas, eles não deixaram de comover os espíritos e, por isso mesmo, de semear as sementes do progresso, que mais tarde deviam se desenvolver, ou que se desenvolverão um dia à luz brilhante do Cristianismo.

Capítulo I

É, pois, injusto que eles sejam amaldiçoados em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças, tão diversas na forma, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental — Deus e a imortalidade da alma — se fundirão numa grande e vasta unidade, assim que a razão houver triunfado sobre os preconceitos.

Infelizmente, as religiões têm sido, em todos os tempos, instrumentos de dominação. O papel de profeta suscitou as ambições secundárias, e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias que, valendo-se do prestígio desse nome, exploram a credulidade em proveito do seu orgulho, da sua cobiça ou da sua preguiça, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não pôde ficar livre desses parasitas. A esse respeito pedimos uma séria atenção para o capítulo XXI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: “*Haverá falsos cristos e falsos profetas*”.

9. Há revelações diretas de Deus aos homens? Essa é uma questão que não ousaríamos responder nem afirmativa nem negativamente de uma forma absoluta. O fato não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá a certeza dele. Do que não se pode duvidar é que os espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se imbuem do seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e ao grau de seu saber pessoal, podem tirar dos seus próprios conhecimentos as instruções que ministram, ou recebê-las de espíritos mais elevados, até mesmo dos mensageiros diretos de Deus. Estes, falando em nome de Deus, foram, às vezes, confundidos com o próprio Deus.

As comunicações desse gênero não têm nada de estranho para quem conhece os fenômenos espíritas e o modo pelo qual se estabelecem as relações entre encarnados e desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela visibilidade dos espíritos instrutores nas visões e aparições, quer em sonho,

quer em estado de vigília, como se vê em muitos exemplos na *Bíblia*, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos.

Assim sendo, é rigorosamente exato dizer que a maior parte dos reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes, de onde não se conclui que todos os médiuns sejam reveladores ou, ainda menos, os intermediários diretos da Divindade ou dos seus mensageiros.

10. Só os espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas sabe-se atualmente que nem todos os espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentam sob falsas aparências, o que levou João a dizer: “Não acrediteis em todos os espíritos; vede antes se os espíritos são de Deus.” (1ª Epístola de João, IV: 1.)

Pode, então, haver revelações sérias e verdadeiras como existem as apócrifas e mentirosas. *O caráter essencial da revelação divina é a da eterna verdade.* Toda revelação eivada de erros, ou sujeita a modificações, não pode emanar de Deus. É assim que a lei do *Decálogo* tem todas as características de sua origem, enquanto que as outras leis mosaicas, essencialmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Com o abrandamento dos costumes do povo, essas leis caíram em desuso por si mesmas, ao passo que o *Decálogo* ficou sempre de pé, como farol da humanidade. O Cristo fez do *Decálogo* a base do seu edifício, abolindo as outras leis; se estas fossem obra de Deus, seriam conservadas intactas. Cristo e Moisés⁷ são os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana não teria tamanho poder.

11. Uma importante revelação acontece na época atual, é a que mostra a possibilidade de nos comunicarmos com os seres do mundo espiritual. Esse conhecimento, sem dúvida, não é novo,

⁷ **Moisés:** a mais importante figura do *Antigo Testamento*, guerreiro, estadista, libertador, moralista e legislador dos hebreus. Moisés deu a este povo o *Decálogo*, ou os dez mandamentos da lei de Deus, que recebera do Senhor, no alto do Monte Sinai, onde se encontrava jejuando. O *Decálogo* constituiria o código civil e religioso da monoteísta Canaã. (N.T.)

Capítulo I

mas ficou até os nossos dias, de certo modo, em estado de letra morta, isto é, sem proveito para a humanidade. A ignorância das leis que regem essas relações o ocultara sob a superstição; o homem era incapaz de tirar daí qualquer dedução salutar. Estava reservado à nossa época desembaraçá-lo de seus acessórios ridículos, compreender o seu alcance, e dele fazer surgir a luz que devia clarear a estrada do futuro.

12. O Espiritismo, fazendo-nos conhecer o mundo invisível que nos cerca, no meio do qual vivíamos sem disso suspeitar, assim como as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a Natureza e o estado dos seres que o habitam e, por conseguinte, o destino do homem após a morte, é uma verdadeira revelação na acepção científica da palavra.

13. A revelação espírita, por sua natureza, apresenta duas características: é ao mesmo tempo revelação divina e revelação científica. Inclui-se na primeira, porque o seu aparecimento foi providencial e não o resultado da iniciativa de um desejo premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da Doutrina têm sua origem no ensino dado pelos espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca das coisas que ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos, e que deveriam conhecer agora que estão aptos a compreendê-las. Inclui-se na segunda, porque esse ensino não é privilégio de indivíduo algum, mas é dado a todos da mesma maneira; porque os que o transmitem e os que o recebem não são, de maneira alguma, seres *passivos*, dispensados do trabalho de observação e pesquisa, porque não renunciam ao seu raciocínio e ao seu livre-arbítrio; porque a verificação não lhes é impedida, mas, ao contrário, recomendada; enfim, porque a Doutrina *não foi ditada completa, nem imposta à crença cega*; porque ela é deduzida, pelo trabalho dos homens, a partir da observação dos fatos que os espíritos colocam sob os seus olhos, e das instruções que dão a eles, instruções que os homens estudam, comentam, comparam e das quais tiram suas próprias conclusões e aplicações. Numa palavra, *o que caracteriza a revelação espírita é que a sua origem é divina, que a*

iniciativa pertence aos espíritos e que a elaboração é o fruto do trabalho do homem.

14. O Espiritismo, como meio de elaboração, procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, quer dizer, aplica o método experimental. Apresentam-se fatos novos que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; o Espiritismo os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege, após o que, deduz as suas conseqüências e busca as suas aplicações úteis. *O Espiritismo não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida*, ou seja, não apresentou como hipóteses nem a existência e a intervenção dos espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da Doutrina. Concluiu pela existência dos espíritos, quando essa existência resultou evidente da observação dos fatos, e assim em relação aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram mais tarde confirmar a teoria, mas a teoria que veio, subsequentemente, explicar e resumir os fatos. Portanto, é rigorosamente exato dizer que o Espiritismo é uma ciência de observação e não o produto da imaginação.

15. Citemos um exemplo: no mundo dos espíritos ocorre um fato muito singular, do qual ninguém seguramente suspeitaria, é o de existirem espíritos que não se julgam mortos. Pois bem, os espíritos superiores, que conhecem perfeitamente esse fato, não vieram antecipadamente dizer: “Há espíritos que creem ainda viver a vida terrestre, que conservam seus gostos, hábitos e instintos,” mas eles provocaram a manifestação de espíritos dessa categoria para que os observássemos. Vendo-se espíritos em dúvida quanto à sua situação, ou afirmando que ainda eram deste mundo, julgando-se envolvidos com suas ocupações ordinárias, do exemplo deduziu-se a regra. A repetição de fatos análogos demonstrou que isso não era uma exceção, mas uma das fases da vida espírita. Ela permitiu estudar todas as variedades e as causas dessa singular ilusão; reconhecer que tal situação é sobretudo própria de espíritos pouco adiantados moralmente, e que é particular a certos gêneros de morte; que ela é temporária, mas pode

Capítulo I

durar semanas, meses e até anos. Foi assim que a teoria nasceu da observação. O mesmo ocorreu com relação a todos os outros princípios da Doutrina.

16. Assim como a Ciência propriamente dita tem por objetivo o estudo das leis do princípio material, o objetivo especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, que reage incessantemente sobre o princípio material e vice-versa, daí resulta que o conhecimento de um não pode ser completo sem o conhecimento do outro; que o Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; que a Ciência, sem o Espiritismo, acha-se impossibilitada de explicar certos fenômenos somente pelas leis da matéria, e que é por haver ignorado o princípio espiritual que ela se deteve no meio de tão numerosos impasses; que sem a Ciência, faltaria apoio e comprovação ao Espiritismo e ele poderia iludir-se. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria sido uma obra abortada, como tudo o que surge antes do seu tempo.

17. Todas as ciências se encadeiam e se sucedem numa ordem racional, nascendo umas das outras, à medida que acham um ponto de apoio nas ideias e nos conhecimentos anteriores. A Astronomia, uma das primeiras a aparecer, conservou os erros da infância, até o momento em que a Física revelou a lei das forças dos agentes naturais; a Química, nada podendo sem a Física, devia segui-la de perto, para depois caminharem juntas, uma se apoiando sobre a outra. A Anatomia, a Fisiologia, a Zoologia, a Botânica e a Mineralogia, só se tornaram ciências sérias com o auxílio dos conhecimentos trazidos pela Física e pela Química. A Geologia, mais recente, sem a Astronomia, a Física, a Química e todas as outras, teria ficado sem os seus verdadeiros elementos de vitalidade; assim ela só poderia ter surgido mais tarde.

18. A Ciência moderna refutou os quatro elementos* primitivos dos antigos e, de observação em observação, ela chegou à

* Fogo, terra, água e ar.

concepção *de um só elemento gerador* de todas as transformações da matéria; mas, a matéria, por si só, é inerte; ela não tem vida, nem pensamento, nem sentimento, precisa estar unida ao princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu, nem inventou este princípio, mas foi o primeiro a demonstrá-lo, através de provas irrecusáveis. Estudou-o, analisou-o e tornou evidente a sua ação. *Ao elemento material*, ele acrescentou o *elemento espiritual*. *O elemento material* e o *elemento espiritual*, são os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza. Pela união indissolúvel desses dois elementos, facilmente se explica uma multidão de fatos até agora inexplicáveis.

Por sua própria essência, e como tem por objetivo o estudo de um dos dois elementos que constituem o Universo, o Espiritismo entra em contato com a maior parte das ciências e, assim sendo, ele só podia surgir após a elaboração dessas e, sobretudo, depois que elas houvessem provado sua incapacidade de explicar tudo somente pelas leis da matéria.

19. Acusa-se o Espiritismo de parentesco com a magia e a feitiçaria; porém, esquece-se de que a Astronomia tem por irmã mais velha a Astrologia judiciária que não está muito distante de nós; que a Química é filha da Alquimia, com a qual nenhum homem sensato ousaria ocupar-se hoje em dia. Ninguém nega, entretanto, que na Astrologia e na Alquimia estivesse o embrião das verdades de onde saíam as ciências atuais. Apesar das suas fórmulas ridículas, a Alquimia levou à descoberta dos elementos químicos e da lei das afinidades. A Astrologia se apoiava na posição e no movimento dos astros, que ela estudara, mas, na ignorância das verdadeiras leis que regem o mecanismo do Universo, os astros eram, para o vulgo, seres misteriosos aos quais a superstição atribuía uma influência moral e um sentido revelador. Quando Galileu, Newton e Kepler⁸ tornaram conhecidas essas

⁸ **Kepler, Johannes:** astrônomo alemão (Württemberg, 1571 - Regensburg, 1630), empreendeu um estudo preciso e sistemático de Marte e enunciou as leis conhecidas como *Leis de Kepler* das quais Newton depreendeu o princípio da atração universal. (N.T., conforme o *Dicionário Koogan Larousse*.)

Capítulo I

leis, quando o telescópio rasgou o véu e lançou um olhar — que algumas criaturas acharam indiscreto — nas profundezas do espaço, os planetas apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso, e todo o alicerce do maravilhoso desmoronou.

O mesmo acontece ao Espiritismo com respeito à magia e à feitiçaria; estas também se apoiavam na manifestação dos espíritos, como a Astrologia no movimento dos astros, mas, na ignorância das leis que regem o mundo espiritual, elas misturavam, a essas relações, práticas e crenças ridículas, as quais o moderno Espiritismo, fruto da experiência e da observação, refutou. Certamente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a Astronomia e a Astrologia, a Química e a Alquimia. Querer confundi-las é mostrar que não se sabe nada sobre nenhuma delas.

20. Só o fato da possibilidade de comunicação com os seres do mundo espiritual tem consequências incalculáveis de mais alta gravidade. É todo um mundo novo que se revela para nós e que tem ainda mais importância, porquanto ele alcança todos os homens, sem exceção.

Esse conhecimento não pode deixar de trazer, ao se propagar, uma profunda modificação nos costumes, no caráter, nos hábitos e nas crenças que têm tão grande influência sobre as relações sociais.

É toda uma revolução que se realiza nas ideias, revolução tanto maior, quanto mais poderosa, quando não está circunscrita a um povo, a uma raça, mas que atinge, simultaneamente, pelo coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos.

Portanto, é com razão que o Espiritismo é considerado como a terceira grande revelação. Vejamos em que elas diferem e por qual laço se ligam uma à outra.

21. Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, soberano mestre e criador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e assentou os alicerces da

verdadeira fé. Como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa fé primitiva, purificando-se, deveria, um dia, espalhar-se por toda a Terra.

22. O Cristo, aproveitando da antiga lei o que é eterno e divino, e rejeitando o que era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou a *revelação da vida futura*, da qual Moisés não falara, e a das penas e recompensas que aguardam o homem depois da morte. (*Revista Espírita*, março de 1861.)

23. A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de que ela é a fonte primária, a pedra angular de toda a sua doutrina, é o ponto de vista totalmente novo sob o qual ele ensina a encarar a Divindade. Esta não é mais o Deus terrível, ciumento e vingativo de Moisés, o Deus cruel e implacável, que rega a terra com sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, e que castiga aqueles que poupam as vítimas. Não é mais o Deus injusto, que pune todo um povo pela falta do seu chefe, que se vinga do culpado na figura do inocente, que fere os filhos pelas faltas dos pais, mas um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa o pecador arrependido *e dá a cada um segundo as suas obras*. Não é mais o Deus de um único povo privilegiado, o *Deus dos exércitos*, presidindo os combates para sustentar a sua própria causa contra o Deus dos outros povos, mas o Pai comum do gênero humano, que estende a sua proteção sobre todos os seus filhos, chamando todos a si. Não é mais o Deus que recompensa e pune apenas pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da progenitura, mas o Deus que diz aos homens: “Vossa verdadeira pátria não é neste mundo, ela está no reino celestial, é lá que os humildes de coração serão elevados e que os orgulhosos serão humilhados.” Este não é mais o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena que se retribua olho por olho, dente por dente, mas o Deus de misericórdia, que diz: “Perdoai as ofensas se quereis ser perdoados, fazei o bem em troca do mal, não façais aos outros o que não

Capítulo I

quereis que vos façam.” Este não é mais o Deus mesquinho e meticuloso que impõe, sob as mais rigorosas penas, a forma pela qual quer ser adorado, que se ofende pela inobservância de um ritual, mas o Deus grandioso que vê o pensamento e não se honra com a forma. Enfim, este não é mais o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

24. Sendo Deus a base de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, *o caráter de todas as religiões está de acordo com a ideia que elas concebem de Deus*. As religiões que fazem de Deus um ser vingativo e cruel, creem honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e torturas. As que o consideram um Deus parcial e ciumento são intolerantes; são mais ou menos meticulosas na forma, conforme o supõem mais ou menos contaminado das fraquezas e ninharias humanas.

25. Toda a doutrina do Cristo está fundada sobre o caráter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele pôde fazer do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição indispensável da salvação, e dizer: *Nisto estão toda a lei e os profetas, não existe outra lei*. Sobre esta crença apenas, ele pôde assentar o princípio da igualdade dos homens perante Deus e o da fraternidade universal.

A revelação dos verdadeiros atributos da Divindade, junto à da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas dos homens, impunha-lhes novas obrigações, fazia-os encarar a vida presente sob um novo aspecto e devia, por isso mesmo, reagir sobre os costumes e as relações sociais. É esse, incontestavelmente, por suas consequências, o ponto capital da revelação do Cristo do qual não se compreendeu a importância, e, é lamentável dizê-lo, é também o ponto do qual se está mais afastado e o que mais se tem desconhecido na interpretação dos seus ensinamentos.

26. Entretanto, o Cristo acrescenta: “Muitas das coisas que vos digo ainda não as podeis compreender, e muitas outras eu teria para dizer, que não compreenderíeis; é por isso que vos falo

por parábolas; mais tarde, porém, eu vos *enviarei o Consolador, o Espírito de Verdade que restabelecerá todas as coisas e as explicará a vós.*” (João, XIV e XVI; Mateus, XVII.)

Se o Cristo não disse tudo o que poderia ter dito, é porque achou necessário deixar certas verdades na penumbra, até que os homens estivessem em estado de compreendê-las. Portanto, conforme suas palavras, seu ensino era incompleto, uma vez que anunciava a vinda daquele que devia completá-lo. Ele previra, assim, que os homens se equivocariam com as suas palavras, que se desviariam dos seus ensinamentos, numa palavra, que desfariam o que ele fez, pois que todas as coisas teriam que ser restabelecidas: ora, só se *restabelece* aquilo que foi desfeito!

27. Por que ele chama o novo Messias de *Consolador*? Este nome, significativo e sem ambiguidade, é toda uma revelação. Ele previa que os homens teriam necessidade de consolações, o que implica na insuficiência daquelas que eles achariam na crença que iam fundar. Talvez o Cristo jamais fosse tão claro e tão explícito como nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas deram atenção, provavelmente porque evitaram esclarecê-las e aprofundar o seu sentido profético.

28. Se o Cristo não pôde desenvolver seu ensino de uma forma completa, é porque faltava aos homens o conhecimento que só poderiam adquirir com o tempo e sem o qual eles não poderiam compreendê-lo. Há coisas que lhes teriam parecido um contrassenso segundo os conhecimentos daquela época. Completar seu ensino deve-se, pois, entender no sentido de *explicar e desenvolver*, bem mais que no de acrescentar-lhe novas verdades, porque tudo nele se encontra em estado embrionário, faltava a base para compreender o sentido das palavras.

29. Mas quem ousa se atrever a interpretar as *Escrituras Sagradas*? Quem tem esse direito? Quem possui as luzes necessárias, a não ser os teólogos?

Quem o ousa? A Ciência, inicialmente, que não pede permissão a ninguém para divulgar as leis da Natureza e que passa

Capítulo I

por cima dos erros e dos preconceitos. Quem tem esse direito? Neste século,⁹ de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito à verificação pertence a todas as pessoas, e as *Escrituras* não são mais a arca santa¹⁰ na qual ninguém ousava tocar com a ponta do dedo, sem correr o risco de ser fulminado. Quanto às luzes especiais necessárias, sem contestar as luzes dos teólogos, por mais esclarecidos que fossem os da Idade Média, e, em particular, os Pais da Igreja, eles, entretanto, ainda não eram esclarecidos o suficiente para não condenarem, como heresia, o movimento da Terra e a crença na teoria dos antípodas.¹¹ Mesmo sem ir tão longe, os teólogos dos nossos dias não reprovaram energicamente a teoria dos períodos de formação da Terra?

Os homens só puderam explicar as *Escrituras* com o auxílio do que sabiam, das noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da Natureza, mais tarde reveladas pela Ciência. Eis por que os próprios teólogos, de muito boa-fé, enganaram-se sobre o significado de certas palavras e de certos fatos do Evangelho. Querendo a todo custo nele encontrar a confirmação de uma ideia preconcebida, giraram sempre no mesmo círculo, sem renunciar ao seu ponto de vista, de tal modo que ali só viam o que queriam ver. Embora fossem teólogos eruditos, eles não poderiam compreender as causas que dependiam de leis que eles não conheciam.

Mas, quem será juiz das interpretações diferentes, muitas vezes contraditórias, dadas fora da Teologia? O futuro, a lógica e o bom senso. Os homens, cada vez mais esclarecidos, à medida que novos fatos e novas leis forem sendo descobertos, saberão separar a realidade das teorias utópicas. Ora, a Ciência revela algumas leis, o Espiritismo revela outras; umas e outras são

⁹ Trata-se aqui do século XIX. (N.T.)

¹⁰ **Arca santa ou arca da aliança:** cofre em que os hebreus guardavam as tábuas da lei, feito por ordem de Moisés. Era todo guarnecido de lâminas de ouro e levado nas expedições militares como penhor da proteção divina. (N.T.)

¹¹ **Antípodas:** habitantes de dois pontos da Terra diametralmente opostos. Teoria confirmada com a comprovação da esfericidade do nosso planeta. (N.T.)

indispensáveis à compreensão dos textos sagrados de todas as religiões, desde Confúcio¹² e Buda¹³ até o Cristianismo. Quanto à Teologia, ela não poderia judiciosamente alegar as contradições da Ciência, porquanto ela nem sempre está de acordo consigo mesma.

30. *O Espiritismo*, tomando o seu ponto de partida das próprias palavras do Cristo, como esse o tomou das de Moisés, é uma consequência direta da sua doutrina.

À ideia vaga da vida futura, ele acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e por este meio ele fundamenta a crença, dando-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade no pensamento.

Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte.

Pelo Espiritismo, o homem sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que nela sofre temporariamente, e vê por toda parte a justiça de Deus.

Sabe que a alma progride incessantemente, através de uma série de existências sucessivas, até que tenha atingido o grau de perfeição que pode aproximá-la de Deus. Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de origem, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma natureza e que só há entre elas a diferença do progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão o mesmo objetivo, mais ou menos rapidamente, segundo o seu trabalho e sua boa vontade.

Sabe que não há criaturas deserddadas, nem mais favorecidas umas que outras; e que Deus não criou nenhuma que

¹² **Confúcio:** o mais célebre filósofo da China, (551-479 a.C.), fundador de uma religião baseada na moral e de um ideal muito elevado. (N.T., segundo o *Dicionário Lello Universal*, vol. I.)

¹³ **Buda:** “o sábio” ou “o iluminado”, nomes pelos quais se designa o fundador do Budismo, Siddharta Gautama; nasceu nos meados do século VI a.C., em Capilavastu. Durante 45 anos pregou a sua doutrina por toda a Índia; morreu em 478 ou 473 a.C. (N.T., segundo o *Dicionário Lello Universal*, vol. I.)

Capítulo I

seja privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres eternamente consagrados ao mal e ao sofrimento; que aqueles designados pelo nome de *demônios* são espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no estado de espíritos, como o praticavam no estado de encarnados, mas que se adiantarão e se aperfeiçoarão; que os anjos ou espíritos puros não são seres à parte na criação, mas espíritos que chegaram à meta, após terem percorrido a estrada do progresso; que, portanto, não há criações múltiplas de diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda criação resulta da grande lei de unidade que rege o Universo, e que todos os seres gravitam em direção a um fim comum, que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, visto serem todos filhos das suas obras.

31. Pelas relações que pode agora estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, o homem não tem apenas a prova material da existência e da individualidade da alma, mas ele compreende a solidariedade que une os vivos aos mortos deste mundo, e os deste mundo aos dos outros mundos. Conhece a situação deles no mundo dos espíritos, acompanha-os em suas migrações, é testemunha das suas alegrias e das suas tristezas, sabe por que são felizes ou infelizes e a sorte que está reservada a ele mesmo, segundo o bem ou o mal que faça. Essas relações o iniciam à vida futura que ele pode observar em todas as suas fases, em todos os seus incidentes. O futuro não é mais uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. A morte, então, não tem mais nada de aterrador, porque para ele é a libertação, a porta da verdadeira vida.

32. Pelo estudo da situação em que se encontram os espíritos, o homem sabe que a felicidade e a desventura, na vida espiritual, são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada um sofre as consequências diretas e naturais de suas faltas, quer dizer, que ele é punido por onde pecou; que essas consequências duram tanto tempo quanto a causa que as originou e, assim sendo, que o culpado sofreria eternamente, se persistisse eterna-

mente no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação. Ora, como depende de cada um o seu aperfeiçoamento, cada um pode, em virtude do seu livre-arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente que sofre pelos seus excessos enquanto não pára de praticá-los.

33. Se a razão recusa, como incompatível com a bondade de Deus, a ideia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas, muitas vezes infligidas por uma única falta, como a dos suplícios do inferno, que o arrependimento mais ardente e mais sincero não pode abrandar, ela se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que leva tudo em conta, que nunca fecha a porta ao arrependimento e estende constantemente a mão ao náufrago, em vez de empurrá-lo para o fundo.

34. A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho, mas sem defini-lo mais que muitos outros, é uma das leis mais importantes reveladas pelo Espiritismo, uma vez que demonstra a sua realidade e sua necessidade para o progresso. Por essa lei, o homem explica todas as aparentes anomalias que a vida humana apresenta; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis para a alma as existências breves; explica a desigualdade das aptidões intelectuais e morais pela antiguidade do espírito, que mais ou menos viveu, aprendeu e progrediu, e que traz, renascendo, o que adquiriu em suas existências anteriores (Ver item 5).

35. Com a doutrina da criação da alma a cada nascimento, caímos no sistema das criações privilegiadas. Os homens são estranhos uns aos outros, nada os une, os laços de família são puramente carnis; não são de nenhum modo solidários com um passado em que não existiam. Com a doutrina do nada após a morte, todas as relações terminam com a vida, os seres humanos não são solidários no futuro. Pela reencarnação, eles são solidários no passado e no futuro; suas relações se perpetuam no mundo espiritual e no corporal, a fraternidade tem por base as próprias leis

Capítulo I

da Natureza. O bem tem um objetivo e o mal, suas consequências inevitáveis.

36. Com a reencarnação desaparecem os preconceitos de raças e de classes, pois que o mesmo espírito pode renascer rico ou pobre, grande senhor ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que supere em lógica o fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação fundamenta sobre uma lei da Natureza, o princípio da fraternidade universal, ela fundamenta sobre a mesma lei o princípio da igualdade dos direitos sociais e, por consequência, o da liberdade.

Os homens só nascem inferiores e subordinados pelo corpo; pelo espírito eles são iguais e livres. Daí o dever de tratar os inferiores com bondade, benevolência e humanidade, porque aquele que hoje é nosso subordinado, pode ter sido nosso igual ou nosso superior, pode ser um parente ou um amigo, e nós, por nossa vez, podemos vir a ser o subordinado daquele que hoje comandamos.*

37. Tirem do homem o espírito livre e independente, sobrevivente à matéria, e farão dele uma simples máquina organizada, sem objetivo, sem responsabilidade, sem outro freio que o da lei civil, e *boa para explorar* como um animal inteligente. Não esperando nada depois da morte, nada o impede de aumentar os gozos do presente; se sofre, só tem em perspectiva o desespero e o nada como refúgio. Com a certeza do futuro, a de reencontrar aqueles a quem amou e o *temor de tornar a ver aqueles a quem ofendeu*, todas as suas ideias mudam. Se o Espiritismo nada mais fizesse pelo homem que tirá-lo da dúvida quanto à vida futura, teria feito mais pelo seu aperfeiçoamento moral que todas as leis disciplinares que algumas vezes o detêm, mas que não o modificam.

38. Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não é apenas incompatível com a justiça de Deus, que

* Vide nota explicativa ao final desta obra.

tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só, ela seria um contrassenso, ainda menos justificável porquanto, segundo essa doutrina, a alma não existia na época a que pretendem fazer remontar a sua responsabilidade. Com a preexistência e a reencarnação, o homem traz, ao renascer, o germe das suas imperfeições passadas, dos defeitos que não corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais, pelas tendências para um ou outro vício. É esse o seu verdadeiro pecado original, do qual sofre naturalmente as consequências, mas com a diferença fundamental de que sofre a pena das suas próprias faltas e não a da falta de outrem; e com outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, encorajadora e soberanamente justa, a de que cada existência lhe oferece os meios de se redimir pela reparação e de progredir, seja despojando-se de alguma imperfeição, seja adquirindo novos conhecimentos, e assim até que, estando suficientemente purificado, não tenha mais necessidade da vida corporal e possa viver exclusivamente a vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente traz, ao renascer, qualidades inatas, assim como o que progrediu intelectualmente; ele está identificado com o bem, pratica-o naturalmente, sem cálculo, e, por assim dizer, sem nele pensar. Aquele que é obrigado a combater suas más tendências, esse ainda está na luta; o primeiro já venceu, o segundo está prestes a vencer. Portanto, há *virtude original*, como há *saber original e pecado*, ou melhor, *vício original*.

39. O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e a sua ação sobre a matéria. Demonstrou a existência do *perispírito*, da qual já se suspeitava desde a Antiguidade, e que foi designado por Paulo pelo nome de *corpo espiritual*, isto é, corpo fluídico da alma após a destruição do corpo tangível. Sabe-se atualmente que esse invólucro é inseparável da alma, que ele é um dos elementos que constituem o ser humano; que é o veículo da transmissão do pensamento e que, durante a vida do corpo, serve de elo entre o espírito e a matéria. O perispírito representa um papel tão importante no organismo,

Capítulo I

e em uma série de afecções, que ele se liga à Fisiologia tão bem quanto à Psicologia.

40. O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma, abre novos horizontes à Ciência e dá a solução de uma série de fenômenos incompreendidos, até então, por falta de conhecimento da lei que os rege; fenômenos negados pelo materialismo, porque eles se ligam à espiritualidade, e qualificados por outros como milagres ou sortilégios, de acordo com suas crenças. Tais são, entre outros, os fenômenos da vista dupla, da visão à distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões, etc. Demonstrando que esses fenômenos baseiam-se em leis tão naturais quanto os fenômenos elétricos, e as condições normais em que podem se reproduzir, o Espiritismo destrói o império do maravilhoso e do sobrenatural e, conseqüentemente, a fonte da maior parte das superstições. Se ele faz crer na possibilidade de certas coisas encaradas por alguns como quiméricas, ele impede que se creia em muitas outras, demonstrando a sua impossibilidade e irracionalidade.

41. O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza que ele revela, tudo quanto o Cristo disse e fez. Esclarece os pontos obscuros do seu ensinamento, de tal maneira que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram ininteligíveis, ou *pareciam inadmissíveis*, as compreendem sem dificuldade com a ajuda do Espiritismo, e as admitem; eles veem melhor a sua importância e podem distinguir entre a realidade e a ficção. *O Cristo* lhes parece maior: não é mais simplesmente um filósofo, *é um Messias divino*.

42. Considerando-se, além do mais, o poder moralizador do Espiritismo, pela finalidade que empresta a todos os atos da vida, por tornar bem claras as conseqüências do bem e do mal;

pela força moral, a coragem e as consolações que dá nas aflições, mediante inalterável confiança no futuro, pela ideia de, cada um, ter perto de si os seres a quem amou, a certeza de os rever, a possibilidade de conversar com eles, enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, tudo quanto se adquiriu em inteligência, em sabedoria, em moralidade, *até à última hora da vida*, nada está perdido, que tudo resulta no adiantamento do espírito, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo em relação ao *Consolador* anunciado. Ora, como é o *Espírito de Verdade* que preside o grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda está, dessa forma, realizada porque, de fato, ele é o verdadeiro *Consolador*.¹⁴

43. Se, a esses resultados, junta-se a prodigiosa rapidez da propagação do Espiritismo, apesar de tudo o que se faz para derrubá-lo, não se poderá negar que a sua vinda seja providencial, visto como ele triunfa de todas as forças e de toda a má vontade humana. A facilidade com que é aceito por um número tão grande de pessoas, e isto sem coação, sem outros meios que o poder das ideias, prova que ele corresponde a uma necessidade: a de crer em alguma coisa, após o vazio provocado pela incredulidade, e que, portanto, surgiu no momento apropriado.

44. O número de aflitos é imenso, portanto não é de admirar que tanta gente acolha uma doutrina que consola, de

¹⁴ *Muitos pais de família deploram a morte prematura dos filhos, para cuja educação fizeram grandes sacrifícios, julgando que tudo resultou em pura perda. Com o Espiritismo, porém, não lamentam esses sacrifícios e estariam prontos a fazê-los, mesmo com a certeza de que veriam os seus filhos morrer, porque sabem que, se eles não aproveitarem dessa educação na vida presente, ela servirá, em primeiro lugar, ao seu adiantamento como espíritos pois que serão aquisições para uma nova existência, e que, quando voltarem a este mundo, terão uma bagagem intelectual que os tornará mais aptos a adquirir novos conhecimentos. É o caso das crianças que trazem ao nascer, ideias inatas; que sabem, por assim dizer, sem haver necessidade de aprender.*

Se, como pais, não têm a satisfação imediata de ver seus filhos aproveitarem dessa educação, eles a terão, com certeza, mais tarde, seja como espíritos, seja como homens. Talvez eles sejam de novo os pais desses mesmos filhos, que serão apontados como superdotados pela natureza e que devem suas aptidões a uma educação precedente. Assim também, se os filhos se desviam para o mal, pela negligência dos pais, estes podem vir a sofrer mais tarde pelos desgostos e pesares que esses mesmos filhos lhes causarão em uma nova existência. Ver "O Evangelho Segundo o Espiritismo", cap. V, item 21: "Mortes prematuras". (Nota do Autor; outras notas semelhantes terão apenas as iniciais N.A.)

Capítulo I

preferência àquelas que desesperam, porque é aos deserdados, mais que aos felizes do mundo, que o Espiritismo se dirige. O doente vê chegar o médico com maior satisfação que aquele que está bem de saúde. Ora, os aflitos são os doentes, e o Consolador é o médico.

Aos que combatem o Espiritismo, se querem que o abandonemos para segui-los, ofereçam-nos mais e melhor do que ele. Curem com maior segurança as feridas da alma. Deem mais consolações, mais satisfações ao coração, esperanças mais legítimas e maiores certezas. Façam do futuro um quadro mais racional, mais sedutor, porém, não pensem vencê-lo com a perspectiva do nada, com a alternativa das chamas do inferno, ou da beata e inútil contemplação perpétua.

45. A primeira revelação estava personificada em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não o está em indivíduo algum. As duas primeiras são individuais, a terceira é coletiva, eis aí uma característica essencial de uma grande importância. É coletiva no sentido de não ter sido feita para privilégio de pessoa alguma; assim sendo, ninguém pode dizer-se seu profeta exclusivo. Ela foi feita simultaneamente por toda a Terra, para milhões de pessoas, de todas as idades, de todas as épocas e de todas as condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, de acordo com esta predição registrada pelo autor dos *Atos dos Apóstolos*:* “Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei do meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e filhas profetizarão, os jovens terão visões, e os velhos terão sonhos.” Ela não se originou de nenhum culto especial, a fim de servir, um dia, de ponto de encontro para todos.¹⁵

* Atos, II: 17 e 18.

¹⁵ *O nosso papel pessoal, no grande movimento de ideias que se prepara pelo Espiritismo, e que já começa a se realizar, é o de um observador atento que estuda os fatos para descobrir as suas causas e deduzir as suas consequências. Confrontamos todos os fatos que nos foi possível reunir, comparamos e comentamos as instruções dadas pelos espíritos em todos os pontos do globo e depois coordenamos o conjunto metodicamente. Em suma, estudamos e levamos ao público o fruto das nossas pesquisas, sem atribuir aos nossos trabalhos outro valor que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem jamais nos colocarmos como chefe de doutrina, nem querermos impor as nossas ideias a pessoa alguma. Publicando-as, usamos de um*



46. As duas primeiras revelações, sendo o produto de um ensino pessoal, foram inevitavelmente localizadas, isto é, apareceram em um só ponto em torno do qual, aos poucos, a ideia foi se propagando, mas foram precisos muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem o conquistar inteiramente. A terceira tem isto de particular: não sendo personificada em um indivíduo, surgiu simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se transformaram em centros ou focos de irradiação. Com a multiplicação desses centros, pouco a pouco seus raios se encontram, como os círculos formados por uma quantidade de pedras atiradas na água, de tal sorte, que, em um determinado tempo, acabarão cobrindo toda a superfície da Terra.

Essa é uma das causas da rápida propagação da Doutrina. Se ela tivesse surgido em um único ponto, se fosse a obra exclusiva de um homem, teria formado seita em torno dela, e talvez meio século se passasse sem que ela atingisse as fronteiras do país onde nascera, enquanto que, após dez anos, já tem marcos fincados de um polo ao outro.

47. Essa circunstância, inédita na história das doutrinas, dá à Doutrina Espírita uma força excepcional e um irresistível poder de ação. De fato, se a reprimirem em um ponto, em um determinado país, será materialmente impossível que a reprimam em todos os pontos e em todos os países. Para um lugar onde ela seja obstruída, haverá mil outros em que ela florescerá. Mais ainda: se a atingirem em um indivíduo, não poderão atingi-la nos espíritos, que são a sua fonte. Ora, como os espíritos estão em toda parte, e como sempre existirão, se, por uma hipótese impossível, conseguissem sufocá-la em toda a Terra, ela reapareceria algum tempo depois, porque está estabelecida sobre *um fato, que*

direito comum e aqueles que as aceitaram o fizeram livremente. Se essas ideias acharam muitas simpatias, é porque tiveram o mérito de corresponder às aspirações de um grande número de criaturas, mas não nos envaidecemos disso, uma vez que a sua origem não nos pertence. O nosso maior mérito é a perseverança e a dedicação à causa que abraçamos. Em tudo isso fizemos o que outros poderiam ter feito como nós, razão pela qual nunca tivemos a pretensão de nos julgarmos profeta ou messias, e, ainda menos, de nos apresentarmos como tal. (N.A.)

Capítulo I

está na Natureza, e porque não se podem suprimir as leis da Natureza. É disso que devem se convencer aqueles que sonham com o aniquilamento do Espiritismo. (*Revista Espírita*, fevereiro de 1865: “Perpetuidade do Espiritismo”.)

48. Entretanto, esses centros disseminados poderiam permanecer ainda muito tempo isolados uns dos outros, visto que alguns se encontram confinados em países distantes. Era preciso entre eles um traço de união que os colocasse em comunhão de ideias com seus irmãos de crença, informando-os do que se fazia em outros locais. Esse traço de união, que teria faltado ao Espiritismo na Antiguidade, encontra-se nas publicações que vão a toda parte, e que condensam, de uma forma única, concisa e metódica, o ensino dado em todos os lugares, de muitas maneiras e em diversas línguas.

49. As duas primeiras revelações só podiam ser o resultado de um ensino direto; elas deviam se impor à fé pela autoridade da palavra do mestre, porquanto os homens ainda não estavam bastante adiantados para contribuírem na sua elaboração.

Observamos, porém, uma diferença bem sensível entre as duas revelações, em relação ao progresso dos costumes e das ideias, ainda que feitas ao mesmo povo e no mesmo meio, com um intervalo de aproximadamente dezoito séculos. A doutrina de Moisés é absoluta, despótica, não admite discussão e se impõe ao povo pela força. A de Jesus é essencialmente conselheira, é aceita livremente e só se impõe pela persuasão. Foi contestada mesmo durante a vida do seu fundador, que não se negava a discutir com os seus adversários.

50. A terceira revelação — vinda em uma época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode se conformar com um papel passivo, em que o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa — tinha que ser ao mesmo tempo o resultado de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e da livre verificação. Os espíritos só ensinam exatamente o que é preciso para ajudar a compreender a verdade, mas

se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter o todo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Eles lhe dão o princípio e os materiais, para que tire proveito deles e os ponha em ação. (Ver item 15.)

51. Sendo os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos níveis de instrução, é evidente que as observações não poderiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar delas, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, em resumo, a conclusão que deveria determinar as ideias, teria de sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito a um círculo restrito, vendo, frequentemente, apenas uma espécie particular de fatos, algumas vezes aparentemente contraditórios, tendo ligação geralmente com uma mesma categoria de espíritos, e, além do mais, embaraçado pelas influências locais e partidarismos, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, impossibilitado de combinar as observações isoladas em um princípio comum. Cada um apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos espíritos que se manifestam, logo surgiriam tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, e nenhum poderia ser considerado completo, por falta de elementos de comparação e avaliação. Em uma palavra, cada um se teria imobilizado na sua revelação parcial, acreditando deter toda a verdade, por não saber que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Por outro lado, deve-se observar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de uma forma completa. Ele atinge um número tão grande de observações, de assuntos tão diversos, que exigem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que foi impossível reunir em um mesmo ponto todas as condições necessárias. A necessidade de o ensino ser coletivo e não individual,

Capítulo I

levou os espíritos a dividirem o trabalho, disseminando os temas de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é dividida entre diversos operários.

Assim, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda hoje, uma vez que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra, nos demais, o complemento do que ele obtém, e foi do conjunto, da coordenação de todos os ensinamentos parciais que a Doutrina Espírita se constituiu.

Era, pois, necessário agrupar os fatos isolados para ver sua correlação, reunir os diversos documentos e as instruções dadas pelos espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-las, analisá-las e estudar-lhes as analogias e as diferenças. Como as comunicações eram dadas por espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso avaliar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e as isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos espíritos; as utopias, das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e pela lógica sã; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos espíritos, mesmo os de baixa categoria, para o conhecimento da situação do mundo invisível, e disso formar um todo homogêneo.

Em uma palavra, era preciso um centro de elaboração, isento de qualquer ideia preconcebida, de qualquer sectarismo, *resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, ainda que contrária às suas opiniões pessoais*. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e *sem premeditação*.¹⁶

¹⁶ “O Livro dos Espíritos”, a primeira obra que fez o Espiritismo entrar na estrada filosófica, pela dedução das consequências morais dos fatos, e que abordou todas as partes da Doutrina, tocando nas questões mais importantes que ela suscita, foi, desde o seu aparecimento, o ponto de reunião para onde convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. É notório que, da publicação desse livro, data a era do Espiritismo filosófico, até então mantido no domínio da curiosidade. Se esse livro conquistou as simpatias da maioria é porque ele era a expressão dos sentimentos dessa mesma maioria, correspondia às suas aspirações e também porque ali se encontravam a confirma-



53. Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas indo das extremidades para o centro, e as outras retornando do centro para a periferia. Foi assim que a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde se originou; e que os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, em razão do seu isolamento diante do ascendente da opinião da maioria, na qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de ideias se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam, de um extremo a outro do mundo.

Os espíritas sentiram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não se viram mais isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os unia à grande família. Os fenômenos dos quais eram testemunhas não mais lhes pareceram estranhos, anormais ou contraditórios quando puderam associá-los às leis gerais de harmonia, abranger de um só golpe de vista todo o plano, e ver, em todo esse conjunto, um objetivo grandioso e humanitário.¹⁷

ção e a explicação racional do que cada um obtinha em particular. Se estivesse em desacordo com o ensino geral dos espíritos, não teria tido nenhum crédito e imediatamente cairia no esquecimento. Ora, qual foi aquele ponto de convergência? Não foi o homem, que por si mesmo não é nada, centro de ação que morre e desaparece, mas a ideia, que não fenece quando procede de uma fonte superior ao homem.

Essa concentração espontânea de forças dispersas deu lugar a uma correspondência imensa, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, onde se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a Doutrina fez nascer, os resultados morais, as abnegações e os desfalecimentos. São arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas através de documentos autênticos. Em presença desses testemunhos irrefutáveis, a que se reduzirão, com o tempo, todas as falsas alegações, as difamações da inveja e do ciúme?... (N.A.)

¹⁷ *Testemunho significativo, tão notável quanto tocante, dessa comunhão de ideias que se estabeleceu entre os espíritas, pela conformidade de suas crenças, são os pedidos de preces que nos chegam dos mais distantes países, desde o Peru até as extremidades da Ásia, feitos por pessoas de diversas religiões e nacionalidades e que jamais vimos. Isso não é o prelúdio da grande unificação que se prepara? Não é a prova dos sérios princípios que o Espiritismo vem implantando por toda a parte?*

É digno de nota que, de todos os grupos que se formaram com a intenção premeditada de provocar a cisão, proclamando princípios divergentes, assim como aqueles que, por amor-próprio ou por outras razões quaisquer, não querendo parecer que se submetem à lei comum, se consideraram bastante fortes para caminharem sozinhos e possuem luzes suficientes para passar sem

Apoiamos os direitos autorais.
As páginas desta obra que estás a ler em formato digital, são apenas um excerto para efeitos de divulgação de informação e conhecimentos que consideramos importantes estarem acessíveis ao maior número de pessoas, pois sem Conhecimento, Educação e Sabedoria não existe evolução das sociedades.

Se estás a gostar deste livro, por favor apoia o seu criador e as entidades que apoiam a sua distribuição, adquirindo uma versão original.



umanovatterra.pt